

## O teto e a rua

Diana Helene

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1967>

DOI: 10.4000/pontourbe.1967

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Diana Helene, «O teto e a rua», *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 30 julho 2008, consultado o 29 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1967> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1967>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

# O teto e a rua

Diana Helene

---

“Andar pelos corredores é equivalente a percorrer as ruas de uma cidade. As portas que se abriam para ele eram como se fossem portas de rua, e as salas de visitas ou varandas, cozinhas e quintais eram como se fossem zonas da própria cidade: praças e subúrbios”(Damatta, 1986: p.48)

- 1 Este texto surgiu de um ensaio realizado na disciplina “A dimensão cultural das práticas urbanas” (Pós-Graduação em Antropologia Social - USP) ministrada pelo professor José Guilherme Cantor Magnani com o intuito aprofundar os estudos que venho realizando, em meu curso de mestrado na área de urbanismo, com a pesquisa “A guerra dos lugares nas ocupações de edifícios abandonados do centro de São Paulo” .
- 2 A idéia do trabalho surgiu de uma quantidade considerável de material audiovisual arquivado durante meu trabalho, desde 2004, junto ao Grupo Risco, coletivo de arquitetos e urbanistas que acompanham os movimentos de moradia do centro; e, também, durante a realização de meu trabalho final de graduação “Todo espaço mal utilizado será ocupado” , além da já citada pesquisa de Mestrado. Por essa razão, este texto é acompanhado de um vídeo de 20 minutos que se complementa as argumentações do artigo.

## A rua como “símbolo e suporte da experiência urbana”

- 3 Apesar de Jane Jacobs afirmar, em seu célebre trabalho “Morte e Vida na Grandes Cidades”, que a formação de cortiços está associada às ruas vazias e monótonas (2000, p. 304), sempre que visitava as ocupações de prédios abandonados da área central de São Paulo, também conhecidos como “cortiços”, reparei o intenso movimento nas calçadas desses prédios, além de uma intensa relação com seu entorno. A contradição com a percepção de Jacobs estava exatamente neste ponto: o “balé das calçadas” em torno desses edifícios era constante. Além disso, a rua era usada como suporte de outras manifestações sociais, como, por exemplo, local de resistência à violência dos despejos

e reintegrações de posse, local de festa, local de manifestação ou local de trabalho. E se fazia presente por seu ruído constante, penetrando a intimidade dos “barracos”<sup>1</sup> construídos dentro dos prédios. A rua constituía um espaço de sociabilidade com o restante da cidade e, também, local de resistência e proteção à perpetuação das ocupações. Além disso, representava um perigo eminente: o destino de todos moradores da ocupação no caso dos recorrentes despejos. O conceito de rua e seu uso envolviam o dia-a-dia das ocupações estudadas.

- 4 As ruas, antes do advento dos bulevares de Haussmann, eram mero suporte de circulação de pedestres e de separação entre casas e vielas apertadas, aonde escoava o esgoto. Os bulevares de Haussmann, grandes vias cortando Paris numa circulação monumental, trazem um novo conceito para dimensão urbana: a rua como local de passeio, de encontro com a multidão, de desfile no anonimato das grandes cidades. As largas calçadas projetadas por Haussmann, que, na verdade, tinham o intuito de favorecer o capital financeiro e facilitar o controle e repressão de qualquer tipo de manifestação social, acabariam por propiciar o encontro entre os diversos tipos de moradores citadinos que, sob as luzes das “artérias urbanas”: pobres e ricos, beatas e boêmios, flâneurs e blazés. Berman (1986, p. 169) cita dois poemas de Baudelaire para demonstrar como este poeta foi um exímio retratista desse momento da história urbana. Primeiramente, o poema “Os olhos dos pobres”, no qual podemos notar como se dava esse controverso encontro de classes sociais distintas. O poema mostra o contraste entre um casal de namorados que se encontra num recém-inaugurado café parisiense, e uma família de “seis olhos” pobres que os contemplam - maltrapilhos e com fome - do lado de fora, junto ao vidro das janelas. O narrador, o homem do casal burguês retratado, diz:

“Não somente essa família de olhos me enternecia,  
mas, ainda, me sentia um tanto envergonhado  
de nossas garrafas e copos, maiores que nossa sede.  
Voltei os olhos para os seus, querido amor,  
para ler neles meu pensamento;  
mergulhava em seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos  
verdes habitados pelo Capricho  
e inspirados pela Lua, quando você me disse:  
'Essa gente é insuportável, com seus olhos abertos  
como portas de cocheira!  
Não poderia pedir ao maître para tira-los daqui?!”

- 5 Outro poema do autor, escolhido por Berman (1986, p. 177), demonstra como ali se perdia a inocência, ou acontecia “A perda do Halo”, nome deste texto de Baudelaire em um senhor “de bem” acaba de perder seu halo (aureola) na sarjeta e comenta com um boêmio, no bar: “depois pensei cá comigo, há males que vêm para bem. Agora posso passear incógnito, praticar ações baixas, entregar-me à devassidão como os simples mortais” . Isso aconteceu, também, devido aos bulevares possibilitarem a abertura de buracos nos bairros mais escondidos e misteriosos, fazendo com que tudo, agora, fosse visto e escancarado e passível de controle.

“Pondo abaixo as velhas e miseráveis habitações medievais, Haussman, de maneira involuntária, rompeu a crosta do mundo, até então hermeticamente selado, da tradicional pobreza urbana (Berman, 1986, p.175)”.

- 6 Assim, a rua passa a ser o locus de encontro dos diversos elementos que compõem a heterogeneidade urbana, passando de local de circulação a local de visibilidade e confronto. Segundo Magnani é esta “rua que interessa” ao estudo do antropólogo:

“É a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas” (Magnani 2007a, on-line)

- 7 Para Jacobs parte integrante e fundamental da rua é o uso das calçadas. As calçadas são o principal local de encontro e contato entre os nativos urbanos; nela se reúnem pessoas que não se conhecem intimamente e que sem as calçadas nunca viriam a se conhecer (Jacobs, 2000: p.59). Segundo a autora, a vida pública que acontece nas calçadas está diretamente ligada a outras modalidades da vida pública. O que se passa nas calçadas é compartilhado, é “assunto público”, é um lugar onde as pessoas assumem, mesmo que pouco, a responsabilidade pública pelas outras mesmo sem ter relações com elas: é no espaço da rua que acontecem as lições de urbanidade (Jacobs, 2000, p.61-91). Dessa maneira, podemos pensar calçadas e ruas como uma “categoria sociológica” (Magnani 2007b on-line) pois “fica claro que se está falando não da rua em sua materialidade, mas em experiência da rua” (Magnani 2007a on-line).
- 8 Todas estas características do espaço da rua se opõem, segundo Roberto Damatta, ao universo da casa: enquanto a rua designa o espaço da política, da heterogeneidade, dos estranhos, locus dos perigos e contradições; a casa é o local dos laços de sangue, do domínio privado, das regras particulares e onde a contradição não é permitida. Em cada um dessas “esferas de significação social” se assumem distintos padrões de comportamentos, gestos, assuntos e papéis sociais (1985: p. 41-45). Damatta usa a oposição entre a rua e a casa para designar os traços característicos da sociedade brasileira, onde, segundo ele, a vida social “transcorre num ritmo feito de tensões e compensações”, de maneira que aquilo que o cidadão não tem no universo público, ou no mundo da rua, se compensa no ambiente doméstico, e vice-versa, aumentando ainda mais a oposição casa-rua (1985: p. 76-77).
- 9 A resposta é conciliar os dois universos por meio de interfaces mediadoras. Jacobs salienta que a calçada é um elemento relacional: “ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela” (Jacobs, 2000: p.29). Entre a casa e o mundo público há espaços de transição onde acontecem mediações entre os comportamentos específicos do espaço público e dos espaços privados; um local onde estes espaços se sobrepõem e se mesclam: as janelas, portas, portões, jardins, varandas, vitrinas, etc. Segundo Damatta, esses espaços, transitórios ou limiares, recebem tratamentos especiais e são de onde podemos observar a vida social (1985: p. 39). Magnani denomina o espaço intermediário entre a rua e a residência por meio da categoria de análise chamada pedaço: “é quando, de um lado, a casa se abre para fora e, de outro, a rua se torna mais acolhedora: do encontro, da interseção entre ambos é que surge o pedaço”. Para Magnani “pedaço” é quando um espaço demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações (2002, p.20).

## Locação [Cenário]

- 10 Os espaços de estudo deste trabalho são as ocupações de edifícios abandonados na área central da cidade de São Paulo. São edifícios construídos nos anos 50, época de ouro do centro da cidade, para onde iam os grandes investimentos do período. Estas construções foram abandonadas a partir do deslocamento da centralidade para a região

da Paulista, por volta de 1970, seguindo mais tarde a direção sudoeste em direção à Avenida Luís Carlos Berrini.

- 11 Atualmente existem cerca de 9.000 pessoas vivendo em ocupações organizadas de prédios e terrenos vazios nas áreas centrais tradicionais (Frúgoli, 2000: 60-61). Segundo Bonduki, o movimento por moradia deu um passo fundamental quando passou a reivindicar programas habitacionais na área central da cidade de São Paulo, ocupando os prédios vazios da região, visto que se expandiu para a luta da reforma urbana, do direito à cidade, levantando a necessidade de viver em locais dotados de infraestrutura, equipamentos sociais e empregos (Bonduki, 2005, *passim*). Vale ressaltar, segundo Maricato, que em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro em moradias ilegais é onde vivem 50% da população. Trata-se de uma gigantesca produção improvisada da cidade, sem a participação dos governos e sem recursos técnicos e financeiros significativos (Maricato, 2001: pg.37-38).



- 12 **Edifício Plínio Ramos:** esta ocupação foi habitada por 79 famílias durante 2 anos e oito meses. Os moradores se organizavam por meio do MMRC (Movimento de Moradia Região Centro): as pessoas moravam em quartos/salas criados pelos próprios moradores com divisórias de compensado e restos de madeira; os banheiros, a lavanderia e cozinha eram comunitários; existia um atelier de costura coletivo; uma sala administrativa do movimento; uma sala de reuniões com cursos de reforço escolar para crianças, alfabetização de adultos, reuniões da comunidade e aulas de break. A “Reintegração de Posse” do edifício foi realizada em agosto de 2005, retirando os moradores violentamente pela tropa de Choque da Polícia Militar. Os moradores resistiram ao despejo formando um cordão humano na frente do prédio. Dentro deles muitas das famílias se recusaram a sair, lacrando a porta por dentro do prédio. A resposta da polícia foi extremamente violenta: spray de pimenta; bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo; balas de borracha nas pernas e rostos dos moradores; detenção. As famílias não tiveram direito à negociação ou contrapartida do Estado, e como protesto montaram acampamento na própria rua, em frente ao edifício, que permanece vazio até hoje, com um muro de concreto construído sobre a porta.
- 13 **Edifício Paula Souza:** nesta ocupação viviam 70 famílias desde novembro de 2002, sem coordenação por meio de movimento social. Os moradores se organizavam de maneira

auto-gestionária coletiva. No dia 6 de outubro, foi executada a reintegração de posse do prédio, e como as famílias não puderam negociar com o governo, acamparam na própria rua Paula Souza, onde também se encontravam remanescentes da ocupação vizinha, o edifício Plínio Ramos.



- 14 **Escola Campos Salles:** essa antiga escola que depois de pegar fogo, oito anos atrás, foi abandonada e 60 famílias sem-teto fizeram dela sua moradia em 2004. A construção, em estilo eclético, é de 1911 e na sua suntuosidade abandonada ainda restam alguns metros quadrados do piso de mármore original, trazido da Itália. No despejo que aconteceu em julho de 2005, as famílias se mantiveram pacificamente cantando na frente do prédio músicas com a temática de luta e transformação social, enquanto os policiais arrombavam o portão e carregavam seus pertences pra fora.



“Irá chegar, um novo dia, um novo céu,  
uma nova terra, um novo mar  
e neste dia os oprimidos, numa só voz a liberdade irão cantar.  
Na nova terra o negro não vai ter corrente,  
o nosso índio vai ser visto como gente.  
Na nova terra, o nego, o índio e o mulato,  
o branco e todos vão comer do mesmo prato.  
Na nova terra a mulher terá direitos,

não sofrerá humilhações e preconceito  
e seu trabalho todos vão valorizar as decisões ela irá participar”



- 15 **Edifício Prestes Maia:** a ocupação, organizada pelo MSTC (Movimento do Sem-Teto do Centro), era símbolo de resistência e organização: foi considerada a maior ocupação vertical da América Latina, pois abrigava cerca de 470 famílias, constituindo praticamente uma cidade, com quase 2000 moradores. Eram 23 andares inteiramente ocupados mesmo sem maquinário de elevador funcionando. O imóvel, ocupado em 2002, também representa simbolicamente as absurdas contradições que envolvem o debate: ficou abandonado por 15 anos, sendo que o proprietário deve atualmente cerca de R\$ cinco milhões de IPTU. Depois da ocupação os moradores retiraram cerca de 200 caminhões de lixo e entulho do prédio, e se organizaram coletivamente na manutenção da limpeza e segurança; havia uma biblioteca comunitária com livros encontrados no lixo pelos catadores que moram no prédio, programas de reciclagem, de educação, intervenções e oficinas culturais. Os banheiros também eram de uso coletivo. A ocupação sofreu diversas ameaças de despejo. Sua saída do prédio foi pacífica e se deu devido a uma negociação entre moradores e o governo aliada ao programa municipal de “bolsa-aluguel”.



- 16 **Prédio do INSS:** Os movimentos de moradia reivindicam esse prédio, localizado na avenida nove de Julho e de propriedade do INSS, há muitos anos. Ele foi ocupado várias vezes desde 1997. As últimas famílias habitaram o espaço até 2004, quando saíram com um acordo de que o prédio seria reformado e transformado em moradia, mas as obras para o projeto são sempre embargadas. À meia noite do dia 1 de maio de 2004 acompanhei uma ocupação-denúncia do prédio, com vistas a pressionar o governo para a realização do projeto. Ficou apenas a denúncia, pois a polícia chegou logo atacando os manifestantes com bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e *spray* de pimenta.

## Personagens [Informantes]

- 17 **Abel:** Foi morador do Edifício Prestes Maia e nele trabalhava como entregador em domicílio: carregava geladeira, botijão de gás, etc para os andares do prédio (que não tinha elevador para transporte nos seus 23 andares). O botijão custava 20 reais; para subir, 30. Com apenas 1,50m de altura, só se acreditava vendo sua capacidade de carregar, sozinho, uma geladeira pelas escadas espremidas do Edifício Prestes Maia.



- 18 **Cecília:** Foi moradora do 11º andar do Edifício Prestes Maia, com seus filhos e marido. Veio de Vitória da Conquista, na Bahia, onde trabalhava em roça de mandioca e café. Chegou em São Paulo com o intuito buscar melhores oportunidades para seus filhos, que passavam fome no nordeste.
- 19 **Elisabete:** mãe de cinco filhos, morava no edifício Plínio Ramos. Resistiu ao despejo até o fim, dentro do prédio, com seu bebê nos braços.



- 20 **Fernando:** Morador do Edifício Plínio Ramos, Militante do MRRC e estudante de Ciências Sociais da PUC. No dia do violento despejo estava na linha de frente que protegia o prédio. Apesar dos policiais jogarem *spray* de pimenta no rosto das pessoas



que estavam fazendo uma corrente na frente da porta do prédio, manteve-se parado e levou um tiro de borracha no rosto, que desfigurou seu nariz.



- 21 **Jomarina Pires da Fonseca** - foi moradora e coordenadora do edifício Prestes Maia. Veio do Maranhão para São Paulo há trinta anos. Sem condições de pagar aluguel, foi morar na ocupação com seus três filhos e marido. Toda sua família morava no 11º andar do prédio. Sonha em voltar a morar no “Prestes”.



- 22 **Seu Luís:** Foi morador do 5º andar do Edifício Prestes Maia. Porteiro do prédio, trabalhava no turno da manhã (são três turnos de trabalho) das sete da manhã às 3 da tarde.



- 23 **Nelson:** foi morador de diversas ocupações de prédios abandonados no centro de São Paulo. Durante o período de meu trabalho de campo era morador e coordenador do MMRC (Movimento de Moradia Região Centro) no edifício Plínio Ramos. Durante o despejo estava dentro do prédio e foi levado à delegacia de polícia, onde foi enquadrado, juntamente com outras pessoas, por “formação de quadrilha”.



- 24 **Neti de Araújo:** coordenadora do MSTC: Movimento dos Sem Teto do Centro. Foi moradora de rua, com seus três filhos, por não ter mais condições de pagar aluguel. Morou em diversas ocupações da área central. Vive num prédio ocupado na rua Mauá. Ela, que entrou no movimento há 10 anos, diz: “de moradora de rua a coordenadora geral; chique né?”.



- 25 **Roberta Maria da Conceição e Severino Manoel de Souza:** casal que morava no Edifício Prestes Maia. Trabalhavam como catadores de material reciclável pelas ruas do centro de São Paulo. Os dois vieram do sertão de Pernambuco e se conheceram em São Paulo. Do lixo recolheram diversos livros e fundaram a biblioteca Prestes Maia. Na sua casa também fizeram um biblioteca pessoal, com cerca de 2000 livros.



- 26 **Severino:** Morava no Edifício Plínio Ramos. Depois do despejo foi morar, com toda sua família, na calçada em frente ao prédio vazio, ao lado de um telefone público.



- 27 **Toya** – jornalista do Centro de Mídia Independente(CMI)<sup>2</sup>, é uma jovem de 20 anos que fazia a cobertura dos acontecimentos das ocupações. Também era moradora de um dos prédios: o Edifício do INSS.

## O Teto e a Rua

- 28 Foram estudadas várias relações entre moradores, prédio e a rua. Uma das primeiras foi a relação com o entorno das ocupações. Grande parte dos moradores trabalha, diretamente, em ofícios ligados à rua. Muitos são catadores de material reciclável, e tiram seu sustento do material encontrado nas ruas, usando os conhecidos “carrinhos” que são construções feitas para trabalhar nestes espaços, e serem carregados no asfalto: “os veículos dos catadores, feitos de ferro ou madeira, parecem antigas bigas. Mas as rodas são retiradas de automóveis abandonados. Nas laterais são presas as armas: varetas pontiagudas para espetar o material a ser recolhido e cordas para amarrar a carga volumosa. Alinhados nas calçadas, os carrinhos parecem tanques de guerra em manobra.” (Brissac, 2004: p. 422). Outros trabalham como ambulantes na região, vendendo seus produtos na rua e vão a pé ou de bicicleta para o trabalho nos pontos movimentados da área central. Mesmo os que possuem outros ofícios, também trabalham na região tão próxima dos edifícios em que vivem que utilizam bicicletas para locomoção ou vão caminhando até o local de trabalho. A área central da cidade, além de manter uma oferta de emprego privilegiada, facilita o desenvolvimento de ofícios “improvisados” como catadores e ambulantes, pois suas ruas caracterizam a mais rica circulação de pessoas e, conseqüentemente, uma enorme produção descarte.
- 29 Por essa razão os centros urbanos também propiciam a criação de muitos espaços de sociabilidade, nos quais seus habitantes necessitam realizar constantemente relações de negociação e de solidariedade. Dessa forma, em frente aos prédios estudados se podia observar uma rica vida social. Como em qualquer edifício, existiam porteiros controlando o acesso nas entradas das ocupações. Estes conheciam todos os moradores e deixavam, ou não, passar desconhecidos. São os guardiões da oposição entre a “casa e a rua”, ou seja, da transposição entre o mundo público e o mundo privado. São os que sabem o que ou quem pode entrar e estão posicionados estabelecendo uma espécie de interface limítrofe. São os próprios elementos de mediação. Seu papel é o que Jacobs chama de “figura pública automeada”. Ancorados nas calçadas, são vistos e conhecidos por todos: os de dentro e os de fora. Durante os períodos de trabalho, uma pessoa ou outra sempre permanece na portaria para conversar e é neste espaço que se trocam novidades, fofocas ou se comentam os acontecimentos do edifício. O porteiro é uma espécie de mídia: “sua principal qualificação é ser público, conversar com várias pessoas diferentes. É assim que se transmitem as notícias que são do interesse das ruas” (Jacobs, 2000: p. 73). Na portaria as pessoas também permanecem assistindo o mundo

de fora, protegidas pela moldura do espaço interior. Olham o tempo, quem está passando, aparece um vendedor de sorvete, espera-se alguém chegar, ali acontece a paquera. Muitas pessoas chegam do trabalho e se demoram na porta antes de subir até suas casas. A porta de entrada do prédio é um local de encontro social. Todos passarão por ela e, por essa razão, se torna um ótimo lugar para passar o tempo.

- 30 Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outro situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições" (Magnani, 1998: p. 116-117).
- 31 Nas portarias também é muito comum o uso da comunicação entre a ocupação e o espaço urbano. Ali são colocados os cartazes, faixas e fotografias que demonstram, como uma espécie de vitrine, o espaço da ocupação. As fotos mostram cenas de festa internas, eventos do prédio, funcionando não só como amostra do mundo interior da ocupação para o mundo exterior, como para os moradores compartilharem os momentos coletivos registrados no espaço onde passam todos os demais moradores: a portaria. Ali estão também estão afixados cartazes dos eventos e outras informações relevantes a todos moradores do edifício. Na ocupação Paula Souza também havia um barzinho - gerido por um dos moradores - no primeiro andar, onde as pessoas do prédio e do entorno se encontravam para tomar um café ou uma cerveja, estabelecendo outro tipo de interface mediadora entre o prédio e a cidade, que funcionava similarmente às portarias dos prédios estudados quanto a constituir um local de encontro e circulação de informações dos ocupantes.
- 32 Nas ocupações Paula Souza e Plínio Ramos, cujas ruas onde se situavam eram calmas e pouco movimentadas, as crianças brincavam em frente aos prédios. Ali também interagem com as crianças de outras casas e edifícios dos arredores. Este espaço, tradicionalmente usado por crianças em cidades pequenas, não é usado somente por estabelecer um grande espaço aberto, mas principalmente por constituir um local de sociabilidade privilegiada, sem se distanciar da segurança da casa. É nesses locais que acontecem as primeiras lições de vida pública e urbana para essas crianças, que segundo Jacobs: "precisam de um local perto de casa, ao ar livre, sem um fim específico, onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções de mundo", ou seja, precisam brincar na rua (2000: p.88).
- 33 As estruturas abandonadas desses edifícios não possuem elevador em funcionamento e, desta maneira, as escadas e corredores assumem fundamental importância. A circulação é intensa. São ruas dentro dos prédios. Neles as pessoas se cruzam, se encontram, se conhecem e se comunicam entre os diversos andares. O espaço da cidade parece penetrar o interior dos prédios estendendo outras configurações urbanas. Na maioria dos prédios os moradores distribuíam as casas individuais<sup>3</sup> em que moravam ao redor de um "pátio" central, aproveitando as janelas para as casas e criando um espaço coletivo de convívio no centro, como uma praça. Nesse local os moradores do "andar" se encontram. Geralmente, nesses locais estão dispostos sofás de uso coletivo onde as pessoas se reúnem. As festas de aniversário e outras comemorações também acontecem ali. As crianças desses andares brincam juntas nesta "praça - sala de estar". Não é preciso todas as mães olharem seus filhos; uma de cada vez pode tomar conta de todas, da mesma maneira que acontece na descrição do "olhar vigilante" das ruas de Jacobs (2000: p.88). O "andar" se torna mais um espaço de mediação entre a casa e a rua.

- 34 Quando visitávamos os prédios, sempre conversávamos com as pessoas nesse local. Apesar desses "salões" serem espaços privados, nas "casas" é mais raro se penetrar e, quando acontece, deve-se ao estabelecimento de uma relação mais íntima com o morador. As pessoas que vivem no mesmo andar normalmente possuem algum laço social. Em geral são pessoas da mesma família ou com alguma outra conexão social, como no caso de um dos andares do Edifício Prestes Maia, onde todos moradores do andar eram imigrantes bolivianos. Podemos encaixar o "andar" na família de categorias para estudo etnográfico de Magnani (2002), por estar em um território claramente definido e delimitado por uma rede de relações. Bem como pela presença regular de membros, com um código de reconhecimento e comunicação entre eles, na qual seus freqüentadores não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos. O "andar" poderia se encaixar numa categoria anterior ou de escala menor de abrangência do "pedaço" de Magnani por constituir laços sociais ainda mais próximos. O "andar" também estabelece mais uma interface mediadora antes de entrar no espaço totalmente privado da casa: um local semi-público, pois tem caráter de espaço público para o grupo social comum ao mesmo "andar" e caráter privado para todas as pessoas que não pertencem ao "andar".

## Casa sim; Rua Não

- 35 É através das interfaces entre o espaço público e o espaço privado que as ocupações podem se mostrar para o resto do mundo. É por meio da rua e calçadas limítrofes que se manifestam.
- 36 É comum ao saberem, por exemplo, que foi dada a sentença de reintegração de posse, realizarem eventos nas ruas em frente de onde moram. Os cartazes sinalizam o protesto: "Senhor juiz, despejo é crime", "casa sim; rua não", "direito à cidade", etc. A manifestação tem que acontecer no mundo público, no lado de fora, na rua, pois é ali que se faz política: "quando falamos em mudança, transformação, modificação, reforma ou revolução *estamos nos referindo quase que exclusivamente ao plano dos problemas que emergem no mundo público: o universo da política e da rua*" (Damatta, 1985, p.89, grifo nosso).
- 37 As resistências aos despejos durante as reintegrações de posse se dão de variadas formas, mas sempre usando a rua e as interfaces mediadoras entre a casa e o mundo exterior. Algumas resistem pacificamente, cantando em frente à porta; outras fazem barreiras humanas, bloqueando a entrada nos prédios ou lacrando a porta de entrada etc. É pela interface mediadora da porta que se dá a violação do mundo privado construído dentro da ocupação; dessa maneira este local assume importância simbólica vital na hora da resistência aos despejos. Pelas portas são retiradas as pessoas da proteção do "lar", de seu mundo privado, e jogadas no mundo público dos perigos e da incerteza, lembrando o apelo dos cartazes "casa sim, rua não". No despejo do edifício Plínio Ramos, o Grupo Risco, o qual faço parte, colocou uma faixa onde foi escrita a palavra "justiça", bloqueando, simbolicamente, a porta de entrada do edifício de maneira que para que os policiais entrassem e realizassem o despejo precisariam "rasgar a justiça", criando uma imagem favorável à manifestação dos sem-teto e que se relacionava, diretamente, com os princípios da resistência à invasão do mundo privado das ocupações.

- 38 O espaço da rua, além de interface urbana de sociabilidade entre as ocupações e a cidade, também é o local simbólico que os moradores mais temem: é seu destino após uma reintegração de posse. Em diversas entrevistas o termo se mantinha:
- “Porque a proposta deles [do governo] é de por a gente aonde? Na rua?”  
(informante Nelson).
- “Se aqui está ruim, imagina na rua” (informante Cecília).
- 39 Muitos dos moradores de ocupações são ex-moradores de rua. Nesse caso a relação de ida e volta para a rua, baliza o momento da morada na ocupação como um momento de proteção e fixação urbana. Ir para rua significa voltar a viver à deriva.
- 40 As famílias provenientes das ocupações Plínio Ramos e Paula Souza, que se localizam na mesma rua, quando foram despejadas montaram suas casas, em forma de barracos, na frente dos prédios vazios para protestar contra o despejo: nas mesma rua onde resistiram à reintegração de posse, em uma guerra com a tropa de choque da polícia. Agüentaram o quanto puderam: quase dois meses. E apelidaram o acampamento de “favela José Serra”, prefeito à época, que autorizara o despejo violento e sem contrapartida para as famílias.

## Quando a casa e a rua se espacializam

- 41 A maioria das ocupações estudadas leva o nome da rua em que estão localizadas: a ocupação “Plínio Ramos” estava localizada na rua Plínio Ramos, a ocupação “Prestes Maia” na avenida Prestes Maia, a “Paula Souza” na rua Paula Souza, etc. O uso da referência do nome da rua como nome da ocupação se mostra muito diferente do comum das ocupações mais tradicionais, como as ocupações de terra do MST (Movimento Sem Terra) ou mesmo ocupações urbanas periféricas do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) que denominamos acampamentos com nomes de líderes ou mártires de lutas sociais. No caso das ocupações de prédios vazios do centro o nome da rua se torna a principal referência, é como se os dois espaços se misturassem ou se espacializassem. A luta pela moradia é uma luta também pelo direito à cidade, pelo seu direito ao urbano, é uma luta pelo “teto” e pela “rua”.
- 42 Quando as ocupações estão estabelecidas, e os sem-tetos têm o espaço da casa, observamos que o uso da rua é parte fundamental do cotidiano da ocupação, ou que a relação entre espaço privado e espaço público nas casas populares difere da que existe nas casas burguesas: a moradia burguesa é usada como local onde a família nuclear guarda suas posses e intimidades dos olhos coletivos. E, segundo Benjamin (1985b, p. 74), a burguesia tenta compensar a falta de vida privada nas cidades protegendo-se entre quatro paredes. As casas populares, no entanto, possuem mediações entre os espaços públicos e privados muito mais flexíveis: as famílias são grandes e é comum que netos, tios e tias morem nos fundos da casa, em um quarto, ou no andar de cima do sobrado. Não existe a rigorosa segmentação de espaços, em que cada cômodo tem uma função precisa. Dessa maneira, as tensões na relação espaço público versus espaço privado são mais amenas do que na família burguesa. Berman afirma que “as ruas pertencem ao povo”, visto que, segundo Jacobs (2000, p. 76), as classes populares dependem muito mais das ruas para satisfazer suas necessidades que as ricas, utilizando-a para diversos outros usos, desde o lazer até o trabalho.
- 43 Quando não existe a “casa”, contudo, ou quando os moradores das ocupações são despejados, a rua se torna oposta à condição de “ter uma moradia” e a divisão entre o

espaço público e o espaço privado deixa de existir, pois a “rua” se torna o próprio espaço da “casa”. Com este rompimento desaparecem, também, os espaços limiaries, desaparecendo, conseqüentemente, a estrutura de sociabilidade urbana mais utilizada pelos dos moradores, que muitas vezes permanecem mais tempo nesses espaços semi-públicos que nos ambientes privados. O “pedaço” criado no espaço de mediação entre a casa e a rua, cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas, atribuindo uma identidade àquela rede social, é extinto. As mediações entre os comportamentos típicos do espaço público e dos espaços privados desaparecem, pois inexistente a dicotomia entre público e privado, bem como os espaços limítrofes. Tudo se torna “público e privado” ao mesmo tempo. Vale ressaltar que isto é diferente do que acontece com moradores de rua, que redefinem os limites dos espaços considerados íntimos e públicos. Dessa forma, podemos concluir que o espaço da rua caracteriza-se como parte da casa também nas ocupações, estabelecendo lugares de mediações fundamentais para as relações sociais desse grupo. Viver na rua, contudo, exclusivamente, faz com que esta se torne inimiga. Casa (com rua) sim; Rua (sem casa) não.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Antônio Augusto. (1999). *Paisagens Paulistanas – Transformações do espaço público*. Campinas, Editora da Unicamp.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985a.
- BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do Século XIX”. In: Kothe, Flávio R. (Org.) *Walter Benjamin: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985b.
- BONDUKI, Nabil. São Paulo na virada do século XXI: a luta contra a exclusão nas áreas centrais. Ministério das Cidades. [on-line]. In: Ministério das Cidades. [2005] Disponível via www (último acesso: 05/01/2008)
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRISSAC, Nelson P. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Senac, 2004.
- D'ANGELIS, Camilo Kolomi; TERRA, Ulisses; HELENE, Diana; HIRAO, Flávio Higuchi; COSTA, Eduardo. “Pelo direito à cidade. A desocupação do Edifício Prestes Maia em São Paulo”. [on-line]. In: *Portal Vitruvius*. Disponível via . Capturado em 19/05/2008
- DAMATTA, Roberto.

## NOTAS

1. Barraco é um termo nativo para designar a “casa”.
  2. O CMI Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia, que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade, buscando contribuir para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente.
  3. Em geral, as casas são compostas por este único cômodo, que desempenha as funções de sala e quarto ao mesmo tempo, servindo, muitas vezes, também como local de refeições.
- 

## AUTOR

**DIANA HELENE**

Mestranda em Planejamento Urbano e Regional e Integrante do coletivo “Grupo Risco” - FAU/  
USP